



Neoclassicismo, Romantismo, Realismo e a Arte Moderna





Pablo PICASSO

(Málaga-Espanha, 1881-1973)

Les Femmes d'Alger
(1907)

Dimensões: 244 cm x 234 cm

Tinta a óleo

MoMA (Museu de Arte Moderna), Nova Iorque, EUA

O que vemos nesta pintura?

Quando se fala em **Arte Moderna**, precisamos ter em mente que estes artistas buscavam romper uma certa ordem estética imposta.

Mas qual ordem era?



Antes de começarmos, vamos retomar os dados que uma obra precisa ter para ser apresentada ao público? Além da imagem, é importante que saibamos quem é seu autor, onde o artista ou a artista nasceu, sua data de nascimento e, se já faleceu, data de morte, e o título da obra e ano que foi produzida.

Como não estamos diante da obra original, é essencial informar as dimensões da obra. É muito diferente a percepção de uma obra de 10 cm x 10 cm e uma obra de mais de 4 metros, não é mesmo?

A obra também é feita de algum material, isto é, de tinta a óleo, de tinta acrílica, de cerâmica, de colagem. Enfim, as possibilidades são infinitas.

Por fim, esta obra pertence a alguém, ou seja, a algum museu, fundação ou a um colecionador de arte.

Vamos relembrar estes dados nesta pintura de Pablo Picasso?



Nome do/da artista

Local de nascimento, data de nascimento e de morte (se já faleceu)

Título da obra (se houver) e data em que foi produzida

Tamanho da obra

Material que a obra foi feita

Quem é o proprietário da obra. Um museu? Uma fundação? Um colecionador de arte?

Pablo Picasso

(Málaga-Espanha, 1881-1973)

Les Femmes d'Alger (O Version O)
(1907)

Dimensões: 244 cm x 234 cm

Tinta a óleo

MoMA (Museu de Arte Moderna), Nova Iorque, EUA

Agora sim, vamos começar!

Quando se fala em **Arte Moderna**, falamos de um grupo de artistas que buscavam romper o modo como se estava produzindo arte até então. A Arte Moderna não se inicia em um dia específico, mas é resultado de uma série de quebras de paradigmas que um grupo de artistas vinha construindo.

Com início no século XIX, a Arte Moderna engloba também manifestações do século XX, as chamadas **Vanguardas Artísticas**. Os artistas modernos queriam romper uma forma de se produzir arte. Mas que forma era? O que os incomodava?

Vamos começar com quatro pinturas: duas de autoria de Jean-Auguste Dominique Ingres e duas de Jacques-Louis David:

O que significa vanguarda?

É um substantivo feminino que vem do francês "avant-garde". Significa estar na frente, à dianteira de um movimento. No contexto da arte, vanguarda significa um movimento que pretende romper com o passado e estar à frente, no presente.

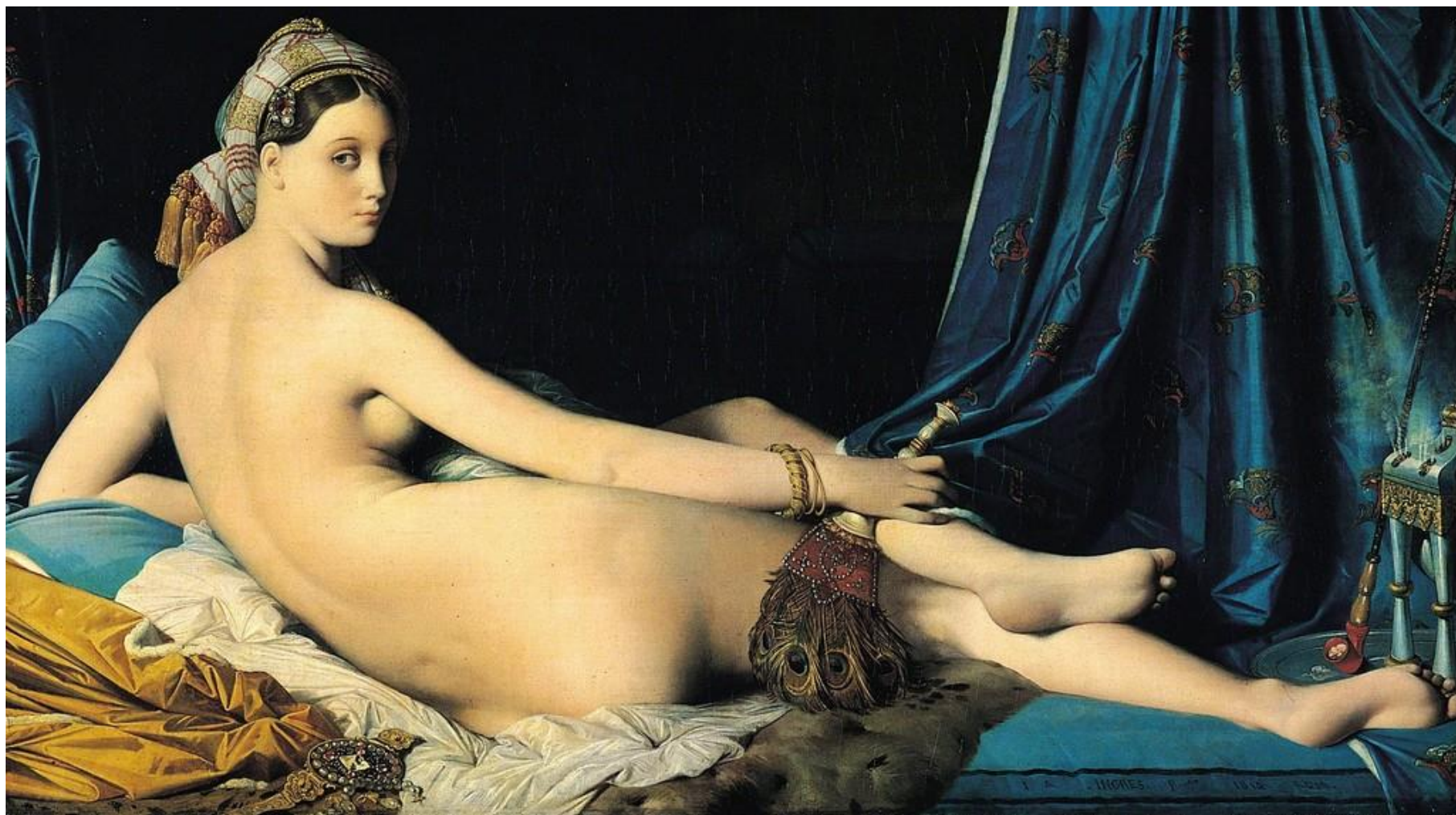


**Jean-Auguste
Dominique
INGRES**

(Mountauban-França,
1780-1867)

A banista de Valpinçon
(1808)

Museu do Louvre, Paris



Jean-Auguste Dominique Ingres

A grande Odalisca (1814)

162 cm x 90 cm

Museu do Louvre, Paris, França.

Jacques-Louis David

(Paris, 1748-1825)

Bonaparte atravessando
os Alpes (1801)

Tinta a óleo

275 cm x 232 cm

Museu de Versalles,
França





Jacques-Louis David

(Paris, 1748-1825)

Marat assassinado (1793)

Óleo sobre tela

165 x 128 cm

Museu de Belas Artes da
Bélgica, Bruxelas.



CARAVAGGIO

(Milão, 1571- 1610)

O sepultamento de Cristo (1604)

300 x 203

Pinacoteca Vaticana, Roma

Começamos com as figuras femininas de Ingres: percebemos em aula a sutileza das pinceladas do artista e a produção de figuras que não parecem reais. Suas formas curvilíneas e angelicais as transformam em quase deusas.

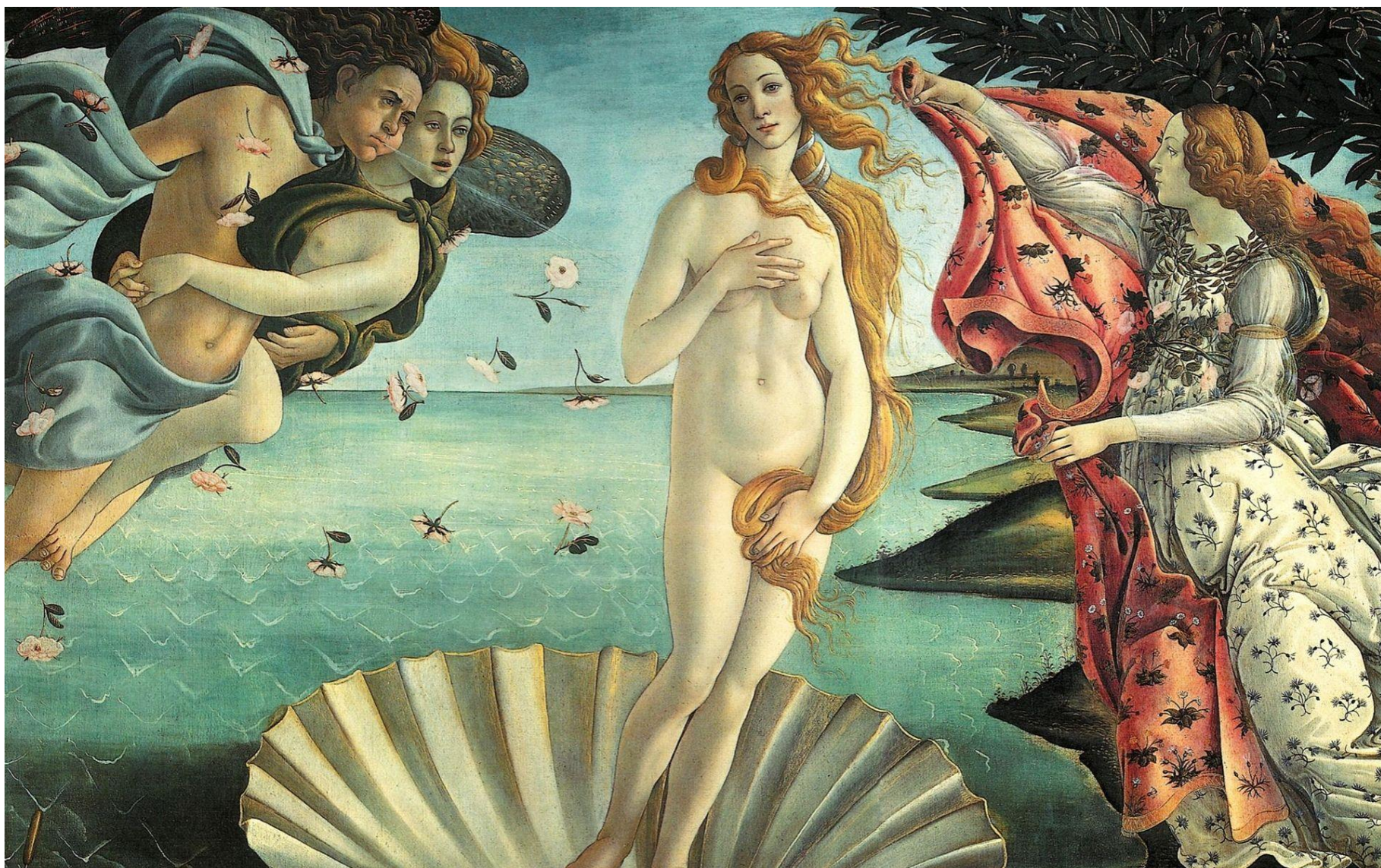
Já nas pinturas de Jacques-Louis David vemos, na primeira, a figura de Napoleão Bonaparte, destemido, retratado como herói. A segunda traz o retrato de Marat morto na banheira. Marat, que foi um dos revolucionários da Revolução Francesa, fora assassinado e, ao representá-lo, David fez (possivelmente) referência à representação de Cristo morto, pintada com maestria por Caravaggio, em 1604.

Estas quatro obras pertencem ao período chamado **NEOCLÁSSICO**, que predominou a produção artística da Europa nas últimas décadas do século XVIII e primeiras décadas do século XIX.

O nome desta corrente, Neoclássico, já mostra que se tratava de um novo (neo) clássico. Mas que clássico era este?

O que significa Pincelada?

Traço feito com o pincel sobre alguma superfície.



Sandro Botticelli

O Nascimento de Vênus (1486)

Galeria Uffizi, Florença, Itália

A pintura anterior, de autoria de Sandro Botticelli foi pintada em 1486. Botticelli foi um dos principais artistas de um período das artes e das ciências: o **RENASCIMENTO**.

Ao compararmos a figura nua de Ingres e Botticelli percebemos como há semelhanças entre elas: são figuras quase sobrenaturais (percebemos isto pelos seus olhares, pelas suas peles irrealis, pelas formas angelicais). Ao pintar Marat naquela posição específica, com o braço à mostra e recém caído, David também retoma um artista com elevado rigor técnico, que foi Caravaggio, sedimentado no classicismo. Assim, os Neoclássicos retomam os modos de fazer e produzir arte dos renascentistas, quatro séculos depois.

A arte moderna buscava romper, primeiro, com esta produção Neoclássica: de exaltação de heróis, de retomada do Renascimento, de pintura acadêmica, de busca constante do belo.

O que foi o Renascimento?

“O termo renascimento, ou renascença, faz referência a um movimento intelectual e artístico surgido na Itália, entre os séculos XIV e XVI, e daí difundido por toda a Europa. À concepção medieval do mundo se contrapõe uma nova visão, empírica e científica, do homem e da natureza. A idéia de um 'renascimento' ocorrido nas artes e na cultura relaciona-se à revalorização do pensamento e da arte da Antigüidade clássica e à formação de uma cultura humanista.” (Enciclopédia Itaú Cultural)

Entretanto, o cenário econômico e social no século XIX foi agitado por fortes mudanças: a **Revolução Industrial** e a **Revolução Francesa** do final do século XVIII.

Com este alvoroço social, político e, logo, cultural, alguns artistas voltaram-se contra o que almejavam os artistas do período Neoclássico. Diante extermínios e pobreza (sobretudo na França), retratar figuras femininas que pareciam deusas deixou de fazer sentido. Agora os artistas queriam falar de seu tempo, retratar o presente. Este período ficou conhecido como

ROMANTISMO, marcado por uma dramatização dos tempos difíceis que corriam. **É neste cenário, de artista falando de seu tempo, que começa a surgir os primeiros debates de arte moderna.**

Uma das obras mais emblemáticas do período é “Liberdade Guiando o Povo”, de 1830, de Delacroix:



Eugène DELACROIX

(Saint-Maurice- França, 1799-1863)

Liberdade Guiando o Povo (1830)

260 cm x 325 cm

Museu do Louvre, Paris-França

Esta pintura em grandes formatos retrata a Revolução de 1830, da qual teve batalhas conduzidas por homens, mulheres e crianças.

A figura central, uma mulher de seio descoberto, corpo forte e rosto sujo por terra cumpre a função de alegoria, representando a Liberdade. As dores e perdas desta revolução estão retratadas pelos corpos em primeiro plano (nas figuras mais próximas do espectador) e há a presença constante da bandeira da França, seja na que a mulher central carrega, seja na roupa da figura masculina à esquerda. Delacroix, que não foi para a baralha mas pintou para ela, está auto representado na figura masculina de cartola e vestes pretas.

Há dois detalhes importantes nesta pintura: a catedral de Notre-Dame retratada ao fundo, comprovando que esta cena se passa em Paris, e a assinatura do artista, camuflada em um pedaço de madeira, à direita.

O que significa alegoria?

“Alegoria é uma figura de linguagem que está dentro do que se classifica como figura das palavras, ou seja, relaciona-se a semântica, é encontra seu significado dentro das abstrações. De acordo com o dicionário Aurélio: *‘Simbolismo concreto que abrange o conjunto de toda uma narrativa ou quadro, de maneira que a cada elemento do símbolo corresponda um elemento significado ou simbolizado’.*”
(InfoEscola)



Embora a pintura de Delacroix retrate uma situação contemporânea ao artista (a Revolução de 1830), há uma dramaticidade no tema retratado (isto fica evidente com o jogo de claro e escuro da pintura).

Na segunda metade do século XIX há uma crescente industrialização das sociedades e os artistas se convencem que precisam ser realistas, deixando de lado visões emotivas da realidade. Não há espaço para dramaticidade, como fez Delacroix. Surge a corrente denominada **REALISMO**.

É preciso falar de seu tempo como ele realmente é, a começar pelas figuras retratadas: não cabe mais retratar seres lendários ou irrealis, mas pessoas conhecidas da sociedade parisiense. É neste cenário que Édouard Manet apresenta a emblemática pintura “O almoço da relva”:



Édouard MANET

(Paris, 1831-1883)

Almoço na Relva (1863)

214 cm x 270 cm

Museu do Louvre, Paris.



Édouard MANET

(Paris, 1831-1883)

Almoço na Relva (1863)

214 cm x 270 cm

Museu do Louvre, Paris.

A partir do que vimos até agora, os artistas buscaram, gradativamente, retratar assuntos de seus tempos. A partir do Realismo e, sobretudo, da pintura de Manet, a forma como se retrata estes assuntos também sofreu fortes mudanças: se Ingres fazia pinceladas suaves, que mal conseguimos saber por onde a mão do artista passou, Manet o fez de uma forma que onde o pincel encostasse na tela, era para ficar evidente. Camadas grossas de tinta e zonas de cor menos diluídas caracterizam as produções a partir de Claude Monet e da corrente que foi precursor: o **IMPRESSIONISMO**.

Além das pinceladas marcadas, os pintores impressionistas começaram a observar prédios e paisagens ao ar livre e perceberam que a luz natural provoca variações nas cores dos objetos.

A série de pinturas realizadas por Claude Monet na Catedral de Ruen mostra como os impressionistas estudavam os objetos observados. Durante um ano, Monet sentou-se em frente a esta igreja e retratou como a presença ou ausência do sol, como o clima quente ou clima frio, como o início e o final do dia modificaram a cor do prédio.

Com pinceladas soltas, com o efeito de luz e sombra sem a presença da cor preta e, sobretudo, a importância da luz natural na forma como se retratam temas fez do Impressionismo um movimento revolucionário na arte e inaugural às vanguardas artísticas do século XX.



Claude MONET

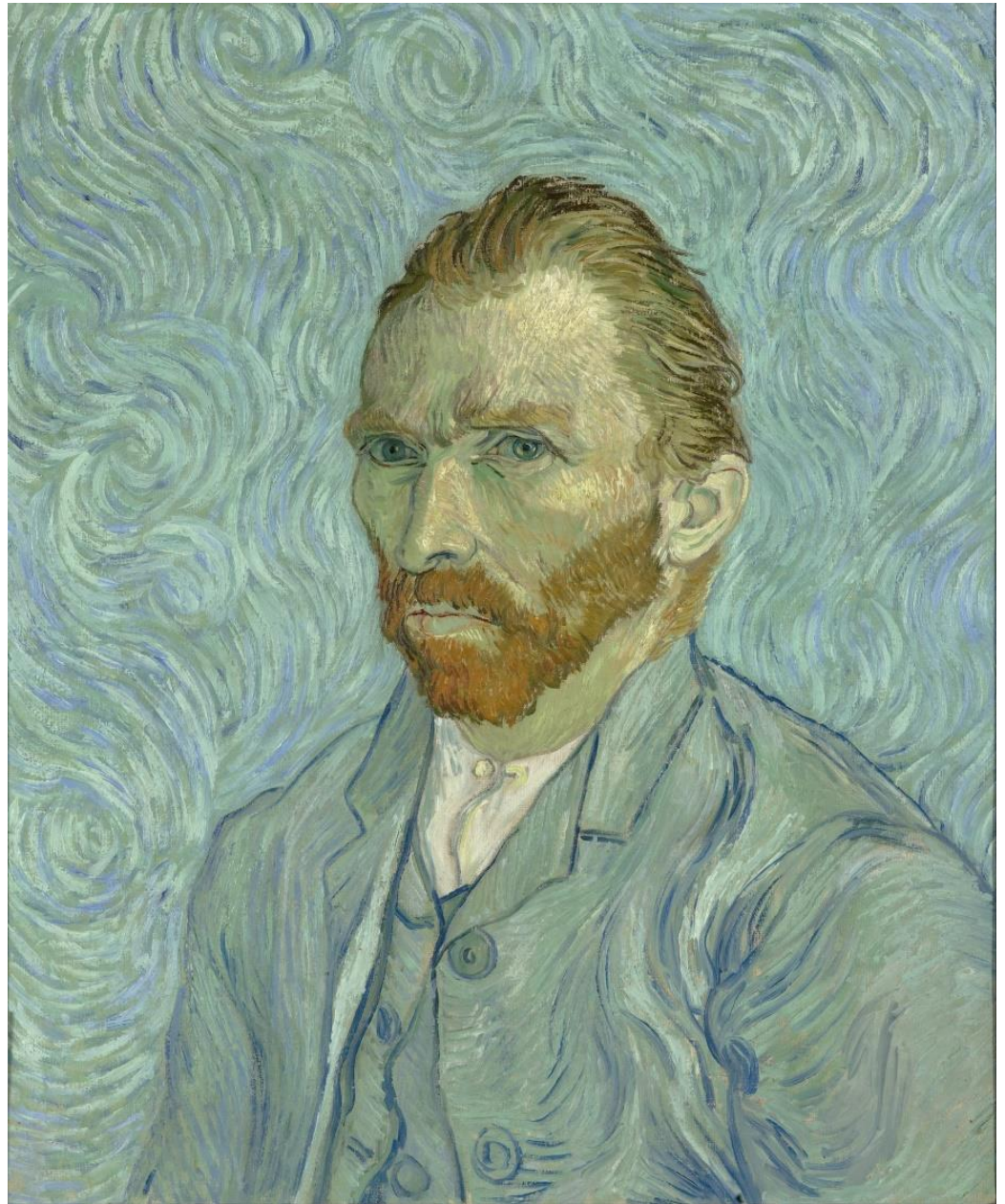
Catedral de Ruen em pleno Sol (1892-1893)

107 cm x 63 cm

Museu do Louvre, Paris

Além de Monet, outro artista que revolucionou a forma de se pintar no ocidente foi o holandês **Vincent Van Gogh**.

Além das pinceladas marcadas, criando movimentos nas pinturas, Van Gogh abriu mão de um naturalismo ao utilizar as cores de forma livre, às vezes com a tinta na cor pura, mas sempre dramatizando paisagens ou cenas simples, como um quarto humilde ou um par de botas.



Vincent VAN GOGH
(Zundert – Holanda, 1853-1890)



Vincent VAN GOGH

Os comedores de batatas (1885)

82 x 114 cm

Tinta a óleo



Vincent VAN GOGH

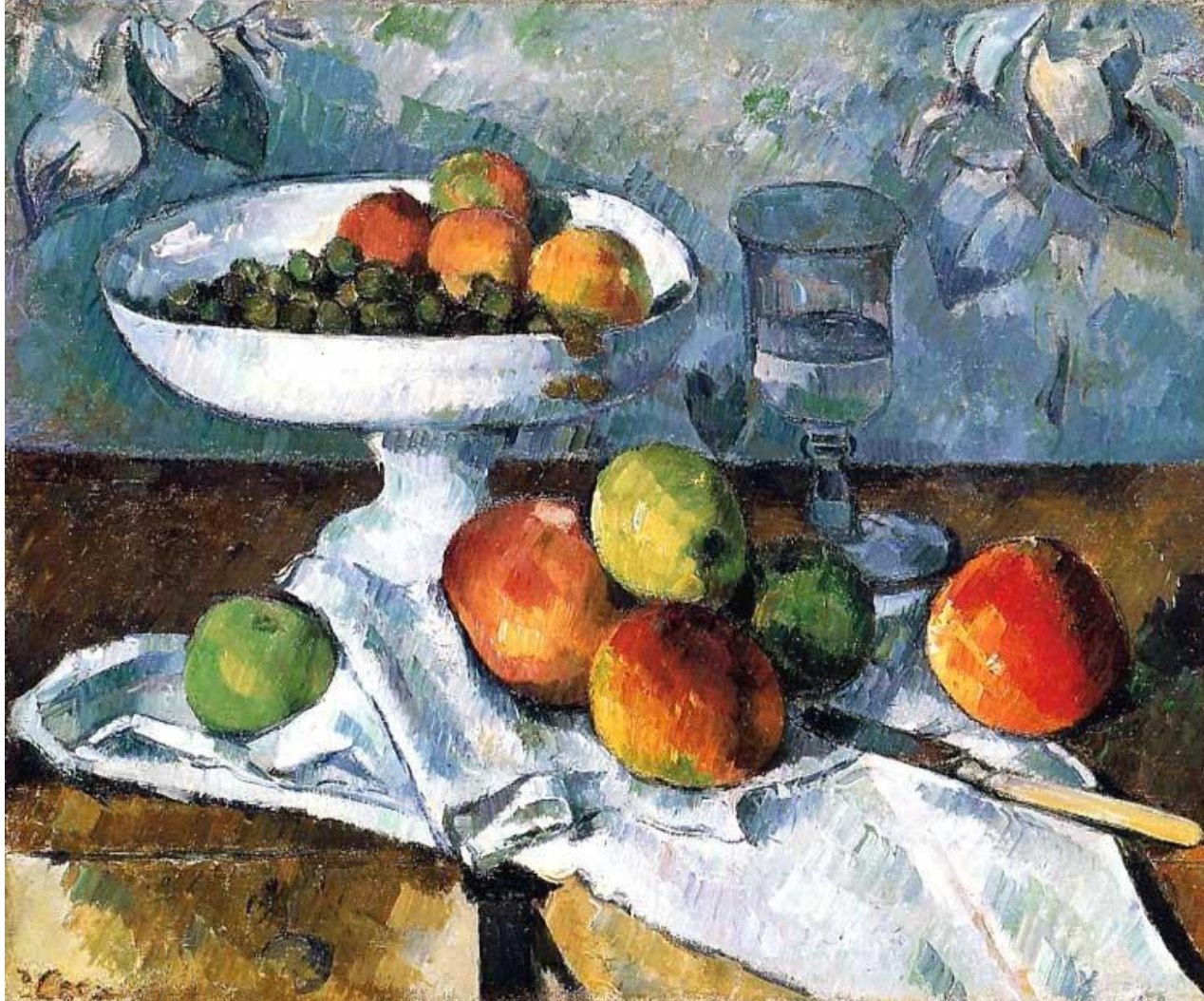
A Noite Estrelada (1889)

74 cm x 92 cm

MoMA (NY, EUA)

Se os impressionistas acreditavam que as sombras dos objetos não deveriam ser retratadas na cor preta e as formas representadas não deveriam ter contornos, mas somente uma expressão solta de pinceladas livres, Van Gogh já não cumpria estes requisitos.

Outro artista que não cumpria mais as regras impostas pelos impressionistas foi **Paul Cézanne**. Com pinturas sempre carregadas de zonas de cor compactas, formas bem delimitadas e, principalmente, a intenção de geometrizar objetos, faz dele um artista inaugural para as vanguardas do século XX, sobretudo o Cubismo.



Paul CÉZANNE

(Aix-en-Provence, 1839-1906)

Fruiteira, copo e maçãs (1880)

Óleo sobre tela

55 x 46 cm

Coleção privada

CÉZANNE, O TATARAVÔ DO INSTAGRAM



AS
VANGUARDAS
ARTÍSTICAS DO
SÉCULO
XX

O século XX inicia-se com tumultuadas diferenças entre burguesia e proletariado e inúmeras conturbações políticas: a Primeira Guerra Mundial, o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha. É em um contexto complexo e às vezes contraditório que surgem as Vanguardas artísticas do século XX, uma das manifestações da arte moderna.

O mundo da arte vinha se encaminhando para grandes mudanças. Primeiro, dos artistas buscarem falar de seu tempo, não mais retomando o passado. Depois, de pintar de forma mais livre, com pinceladas mais soltas, sem a preocupação que a pintura parecesse com a realidade, quase como uma fotografia. Aos poucos os artistas foram conquistando sua liberdade de criar e é no início do século XX que estas questões ganham mais ênfase.

A ordem das vanguardas artísticas europeias era **ROMPER COM O PASSADO**. Um grupo de artistas, que tinham vontades e visões de mundo em comum se juntavam e criavam um movimento.

Este movimento tinha um nome (sempre terminando com "ISMO") e eles pintavam e esculpiam de forma parecida, enfatizando as ideias do grupo. Geralmente um movimento era opositor ao outro e buscava, através das obras, mostrar que o seu jeito de fazer e pensar arte era o mais correto e o mais moderno que o outro.

Cubismo e Surrealismo (e no Brasil, o Movimento Antropofágico) não foram os únicos movimentos do século XX. Houve também o Expressionismo, o Fauvismo, o Abstracionismo, o Futurismo, o Dadaísmo, entre outros.

A começar, o **EXPRESSIONISMO ALEMÃO** teve origem em Dresden, na Alemanha, nos primeiros anos do século XX.

É inegável que não tenha sido uma reação ao Impressionismo. Preocupados com os estudos de luz e cor, os impressionistas deixaram de lado as mazelas que afetavam a vida moderna. O Expressionismo é uma reação a isto: preocupou-se em mostrar a angústia que assolava sobretudo a Europa no início do século XX, como a Primeira Guerra Mundial, que iniciaria em seguida.

Edvard Munch vai ser um artista emblemático para o movimento. A seguir, temos duas obras de sua autoria: *Puberdade* (1895) e *O grito* (1893). Nas duas, conforme debatemos em aula, a angústia e o medo tomam conta da obra, desde o olhar assustado da menina retratada na primeira pintura, ao grito solto na segunda.

Edvard MUNCH

(Adalsbruk, Noruega, 1863-1944)

Puberdade (1895)

150 x 110 cm

Museu Nacional de arte, Oslo-
Noruega





Edvard MUNCH

O grito (1893)

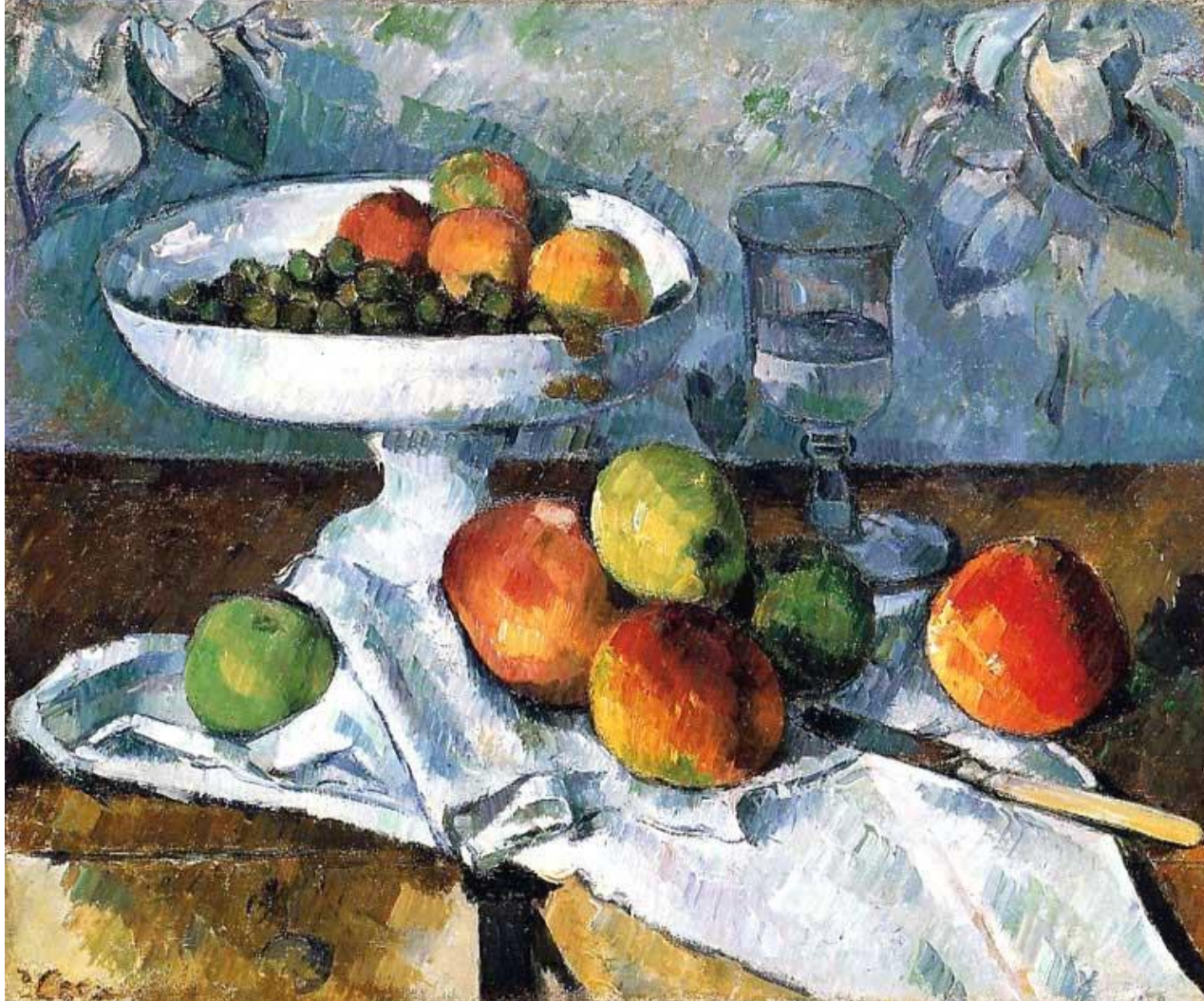
0,83x0,66 cm

Munch-Museet, Oslo

Conforme vimos, Paul Cézanne foi inaugural para as vanguardas artísticas do século XX, isto porque ele inspirou um dos primeiros movimentos: o **CUBISMO**, que foi subdividido em duas fases: o Cubismo Analítico e o Cubismo Sintético.

Impulsionado principalmente por Pablo Picasso e Georges Braque, o Cubismo se inspirou nas formas geométricas das pinturas de Cézanne mas foi além: rompeu com a **PERPSCIVA**. Além da presença de formas geométricas por todas as pinturas, o espectador não consegue de forma direta decifrar qual parte de uma garrafa ele está vendo, por exemplo. Vemos da garrafa a frente, mas também a base e as costas dela.

O Cubismo também foi revolucionário ao introduzir nas pinturas colagens de papel de presente, recortes de jornal e embalagens. O mundo que nos cerca adentra agora o mundo da arte de outra forma.



Paul CÉZANNE

(Aix-en-Provence, 1839-1906)

Fruiteira, copo e maçãs (1880)

Óleo sobre tela

55 x 46 cm

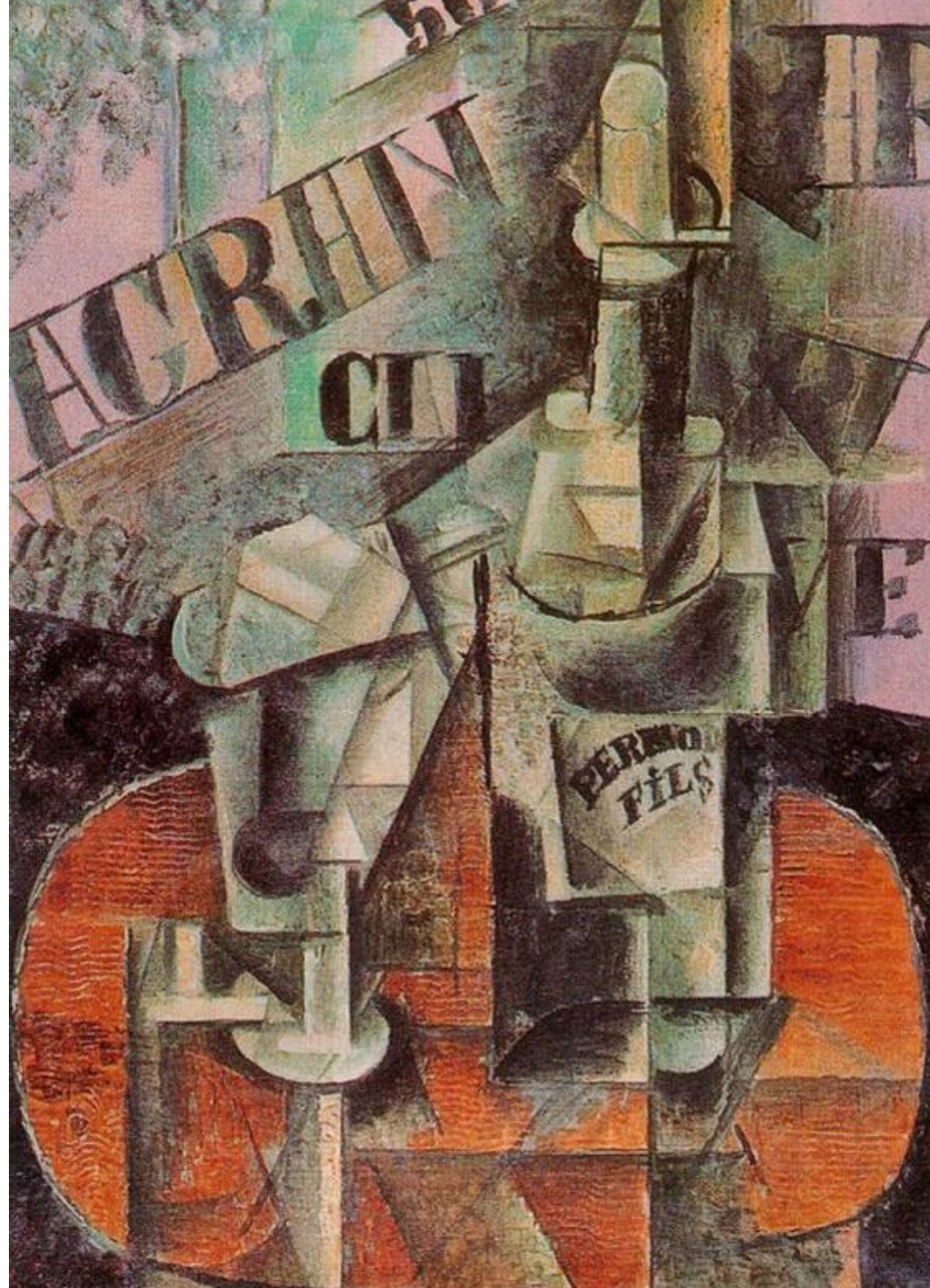
Coleção privada

Pablo PICASSO

Mesa em um Café - Garrafa de
Pernod (1912)

Óleo sobre tela

Hermitage, Sankt-Peterburg - São
Petesburgo - Rússia



CUBISMO ANALÍTICO:

Poucas cores – preto, cinza, marrom, ocre. Cubismo levado às últimas consequências (abstração da forma)

Pablo Picasso

O Poeta (1911)

130x89cm

Peggy Guggenheim, Veneza.



CUBISMO SINTÉTICO:

Recuperação da imagem real dos objetos. Foi também chamado de Colagem.



**Georges
BRAQUE**

Le Jour (1929)



Pablo Picasso

Natureza Morta com Palhinha de cadeira (1912)
Musée National Picasso, Paris

Se os Cubistas buscavam formas geométricas e produziam pinturas de cunho racional, em contrapartida surge um movimento voltado para o subconsciente, para os sonhos, para as manifestações muitas vezes ilógicas de nossas mentes: o

SURREALISMO.

Por outro lado, embora as pinturas cubistas fossem sistemáticas e geométricas e as pinturas surrealistas voltadas para o mundo dos sonhos e do subconsciente, o segundo grupo produzia pinturas mais realistas, mas sempre com elementos não reais, como relógios derretidos, de Salvador Dali.



Salvador DALÍ

(Figueres- Espanha, 1904-1989)
A Persistência da Memória (1931)

24 cm x 33 cm

MoMA, Nova Iorque, EUA



Salvador Dalí

Aparição do rosto e fruteira numa praia (1938)

Óleo sobre tela

114,2 x 143,7 cm





Museu Dali, Figueres-Espanha

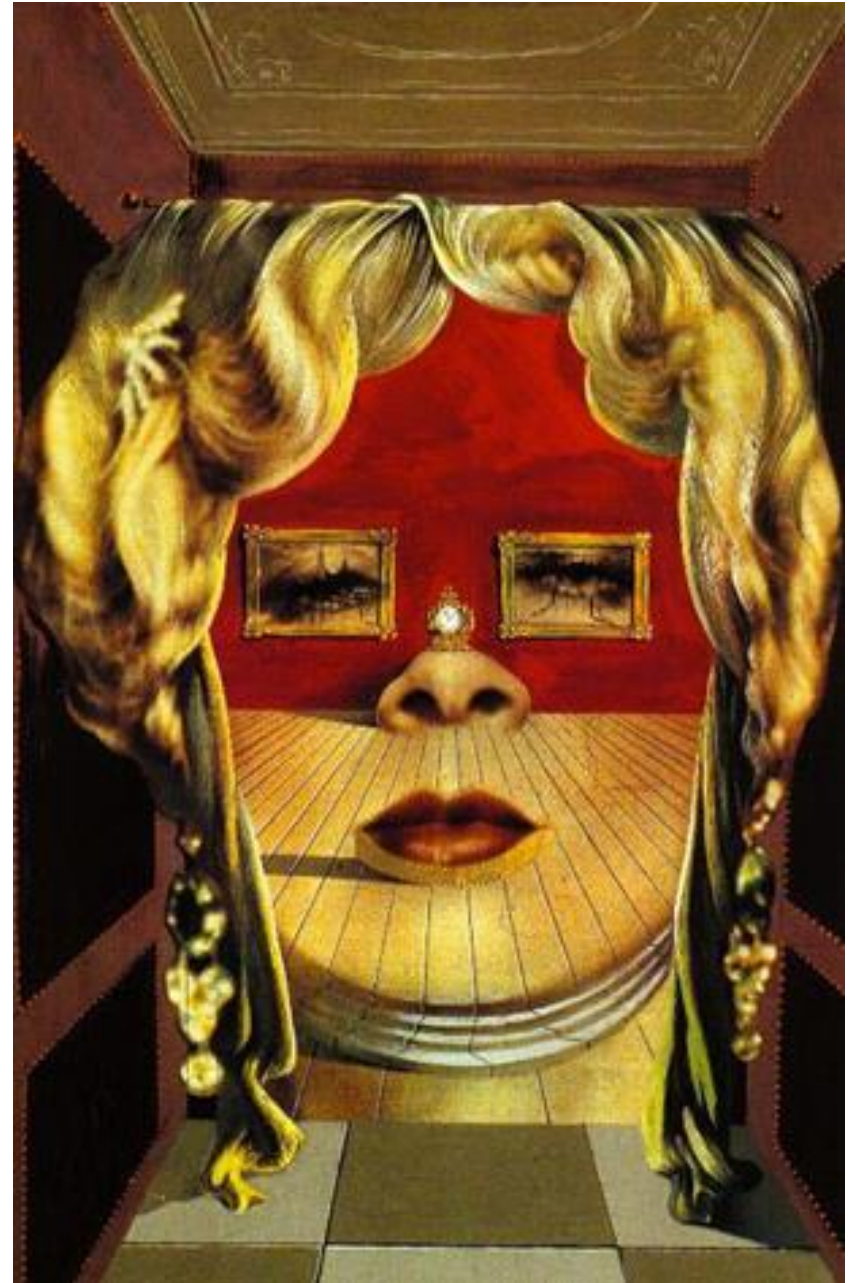




Salvador Dali

Rosto de Mae West que pode ser
utilizado como apartamento surrealista
(1935)

Gauche sobre papel de jornal
31 x 17cm





René MAGRITTE

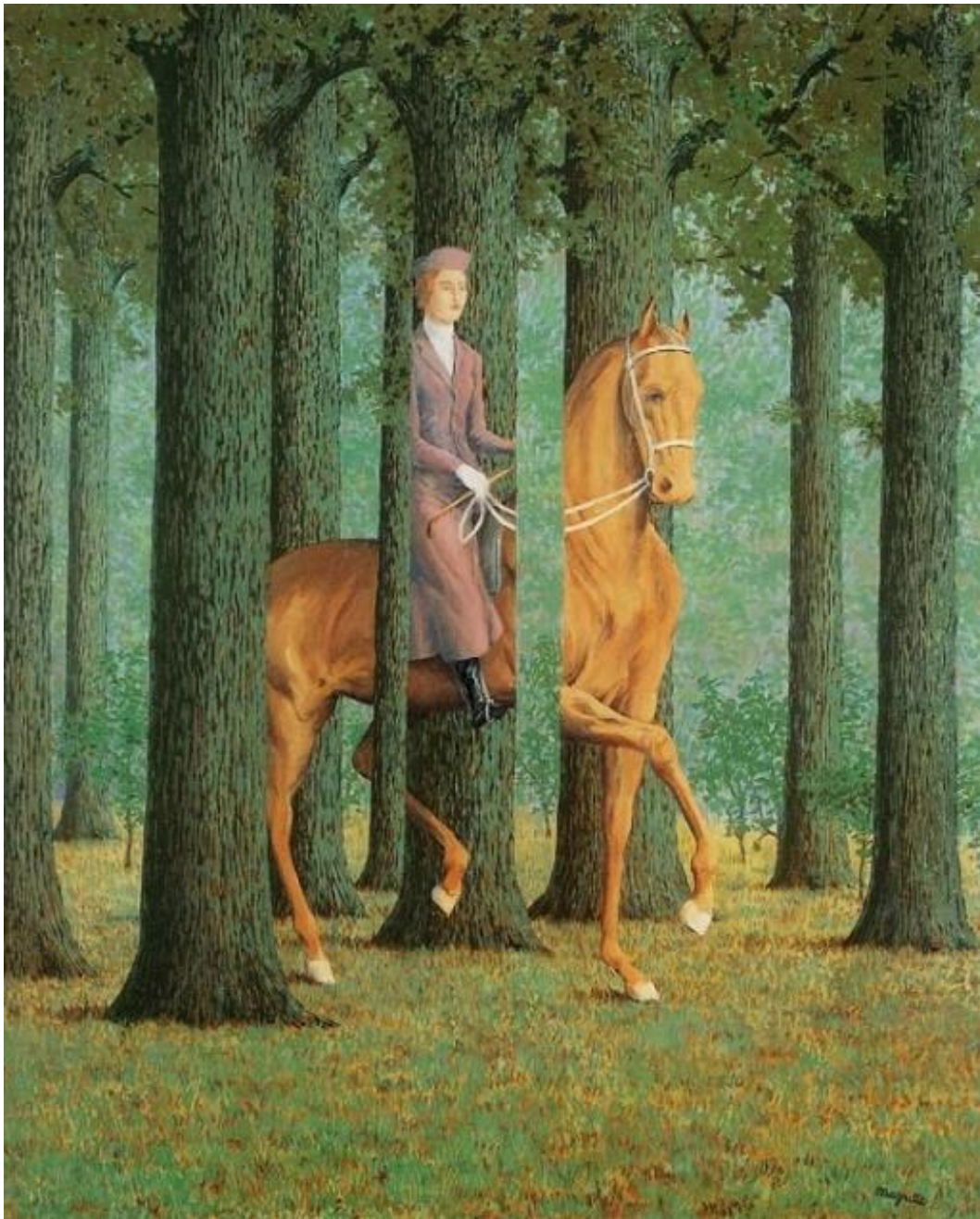
(Lessines-Bélgica-1898-1967)

O Império das Luzes (1954)

Óleo sobre tela

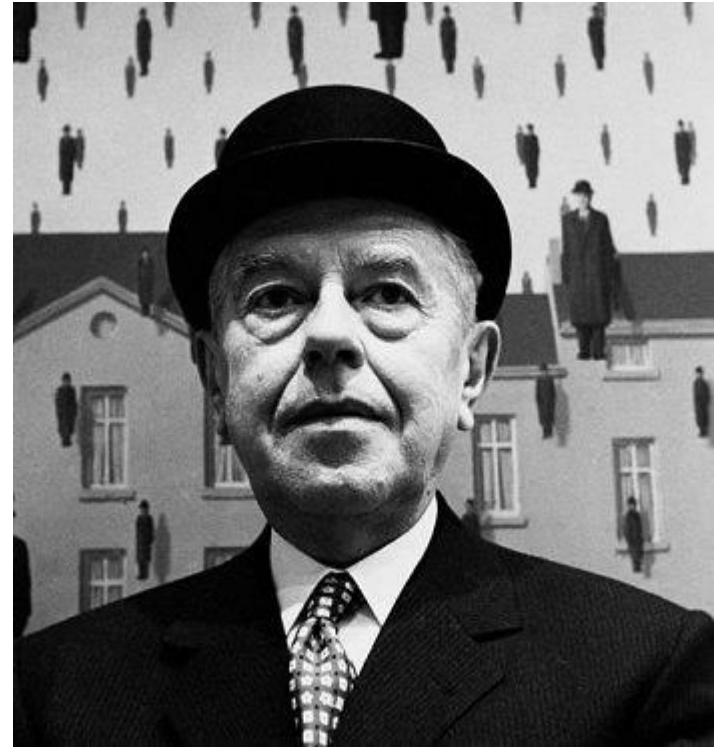
146x114cm





René MAGRITTE

A Carta Branca (1965)



René MAGRITTE

O Filho do Homem (1964)

Tinta a óleo

116 x 89 cm

Coleção privada



René MAGRITTE

A Traição das Imagens (1929)

Óleo sobre tela

63,5 × 94 cm



Ceci n'est pas un gif.



Frida Kahlo

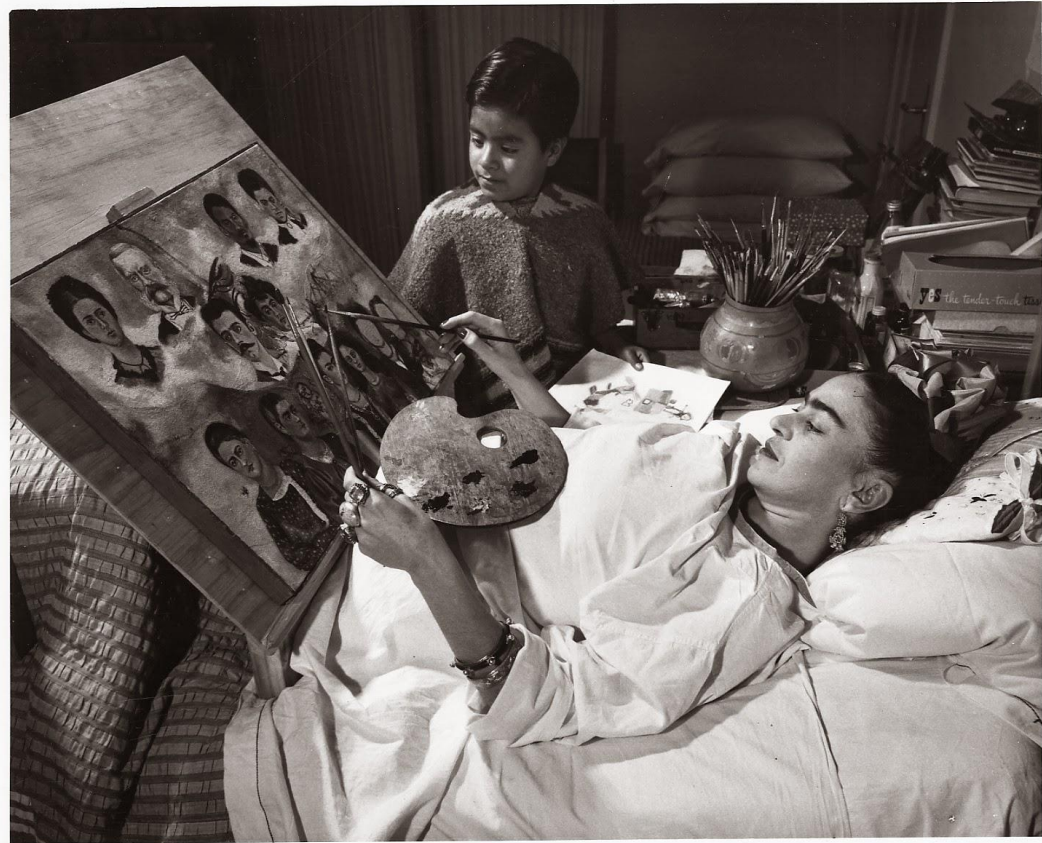
(Coyoacán, México, 1907-1954)

Embora as vanguardas modernistas tivessem sua fundação na Europa, algumas características dos movimentos atingiram outros continentes.

Isto aconteceu no Brasil, como veremos mais adiante e, no caso do Surrealismo, aconteceu com uma geração de artistas mexicanos, por exemplo. Entre estes artistas mexicanos sob influência surrealista destacamos Frida Kahlo.

Frida Kahlo foi uma artista emblemática por suas obras que provocavam – e provocam até hoje - “uma provocativa ruptura que separa o âmbito do público do estritamente privado”, conforme defende Teresa Arqç , curadora da exposição *Frida Kahlo - conexões entre mulheres surrealistas no México*, realizada no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo-SP, em 2015.

O Surrealismo foi em certa medida caracterizado pela dramaticidade, uma vez que fugia da racionalidade cubista. Todavia, quando nos deparamos com obras como as de Frida Kahlo, os temas do inconsciente e do onírico tomam proporções outras, não somente pela temática que foge de qualquer racionalidade, mas porque coloca em xeque qualquer convenção de gosto sob parâmetros europeus: Frida era uma pintora mexicana e suas obras enfatizavam tal identidade, fosse pelos elementos pintados (frutas, flores, paisagens), fosse pelas vestimentas utilizadas em autorretratos.

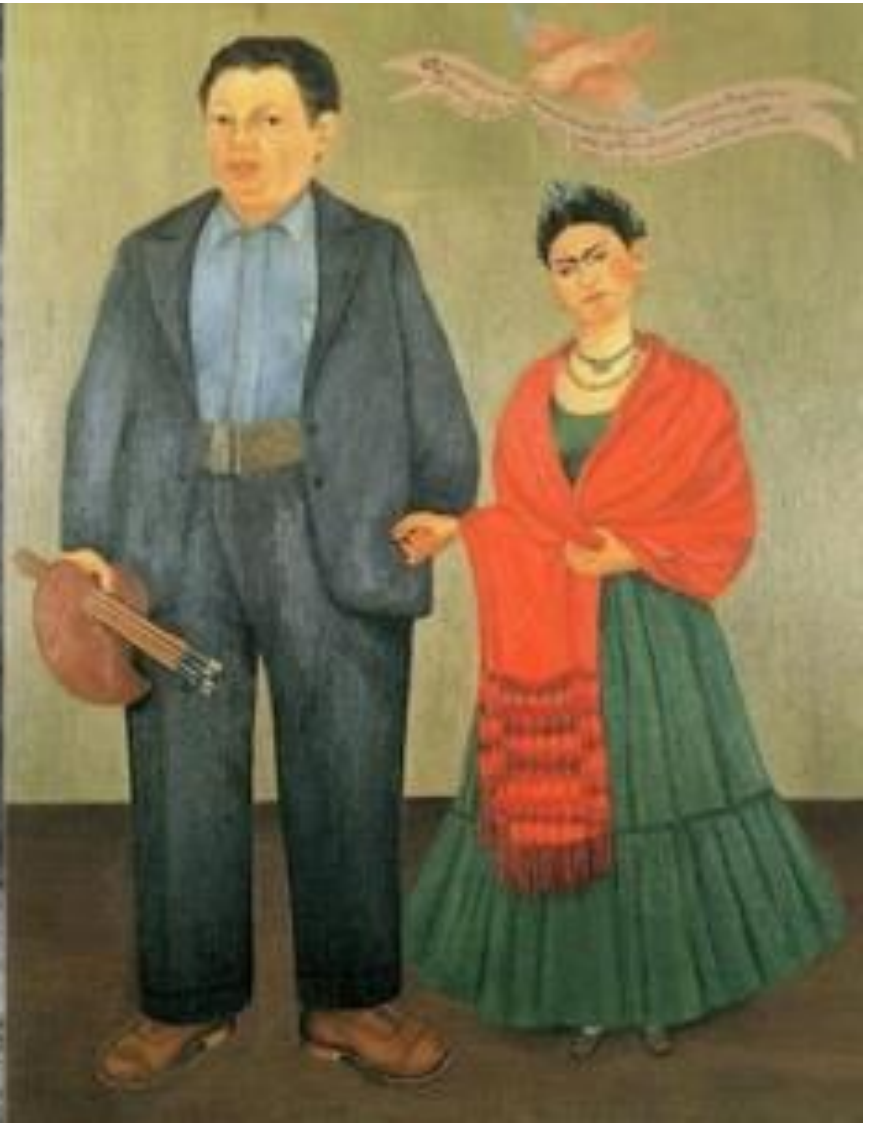




Frida Kahlo

As duas Fridas (1939)

1,73 m x 1,73 m



Frida Kahlo

O que a água me deu (1938)
91 cm x 70 cm





No Brasil, no início do século XX, um grupo de artistas aspirantes viajam para a Europa para aperfeiçoar suas técnicas em Pintura. Lá, conheceram as vanguardas artísticas em ebulição e voltaram para sua terra natal inspirados no que viram do outro lado do oceano.

Uma destas artistas foi Tarsila do Amaral, que em 1928 pintou a emblemática pintura “Abaporu”. Mas, o que viria a ser o modernismo no Brasil tinha um objetivo diferente do modernismo europeu. **Se Pablo Picasso e Salvador Dali, por exemplo, buscavam romper com a pintura que era feita antigamente na Europa, os modernistas brasileiros buscavam retomar a arte de raiz brasileira. E qual é a arte brasileira por essência? A arte indígena, a arte dos negros.**

Por isso, “Abaporu” faz uma homenagem aos tupi-guaranis e à nossa paisagem tropical.

O próprio nome do movimento (Movimento Antropofágico) faz alusão à cultura canibal de algumas tribos indígenas, a qual o grupo se alimenta da carne humana do índio mais corajoso da outra tribo. Os artistas antropófagos queriam se apropriar do que a Europa vinha produzindo de importante culturalmente (as vanguardas artísticas modernas) e se apropriar, também, da cultura nacional de origem, transformando em uma grande mistura cultural.

MOVIMENTO ANTROPOFÁGICO

(Brasil)

Tupi-guarani

Aba= Homem

Poru = que come

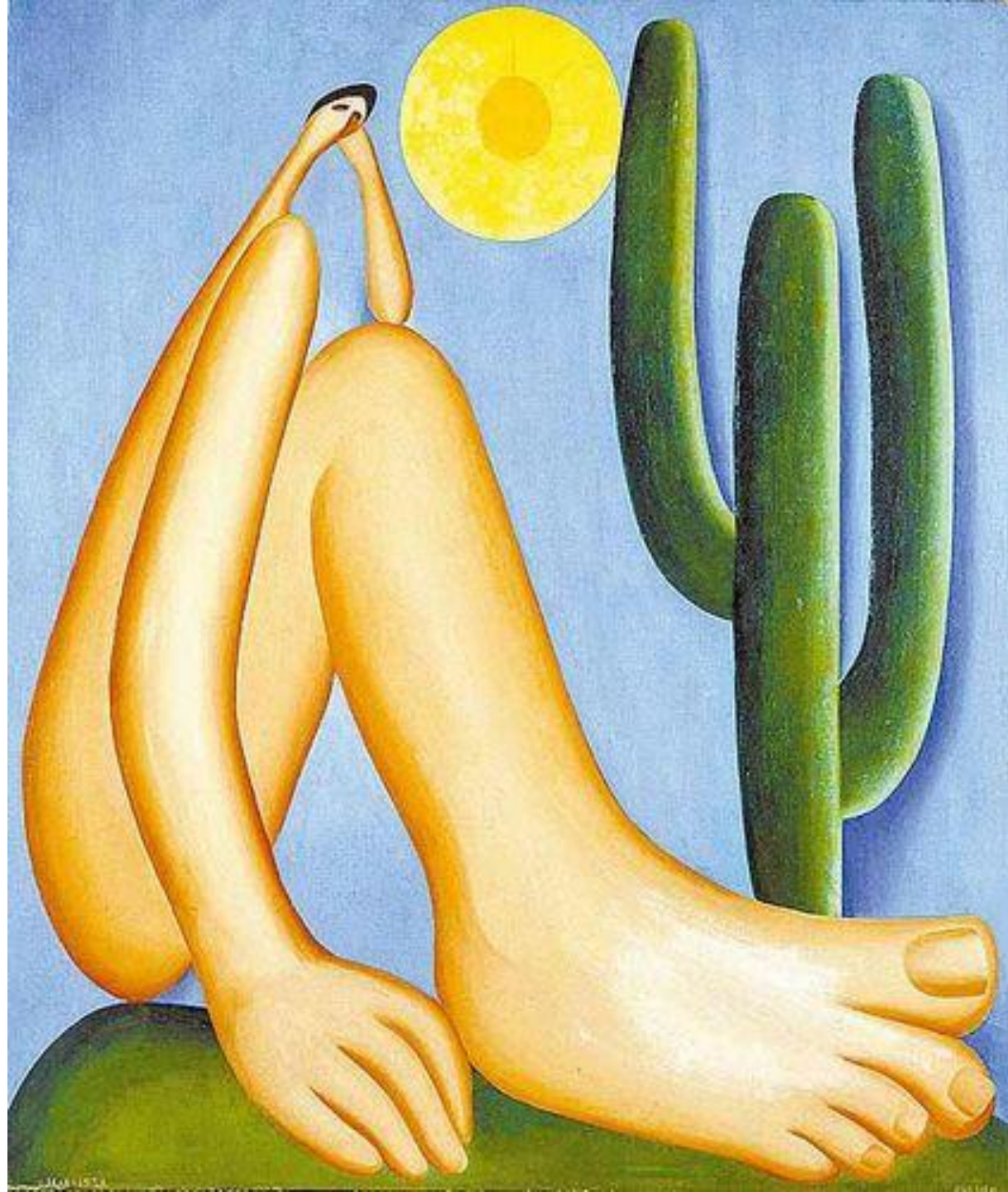
Tarsila do Amaral

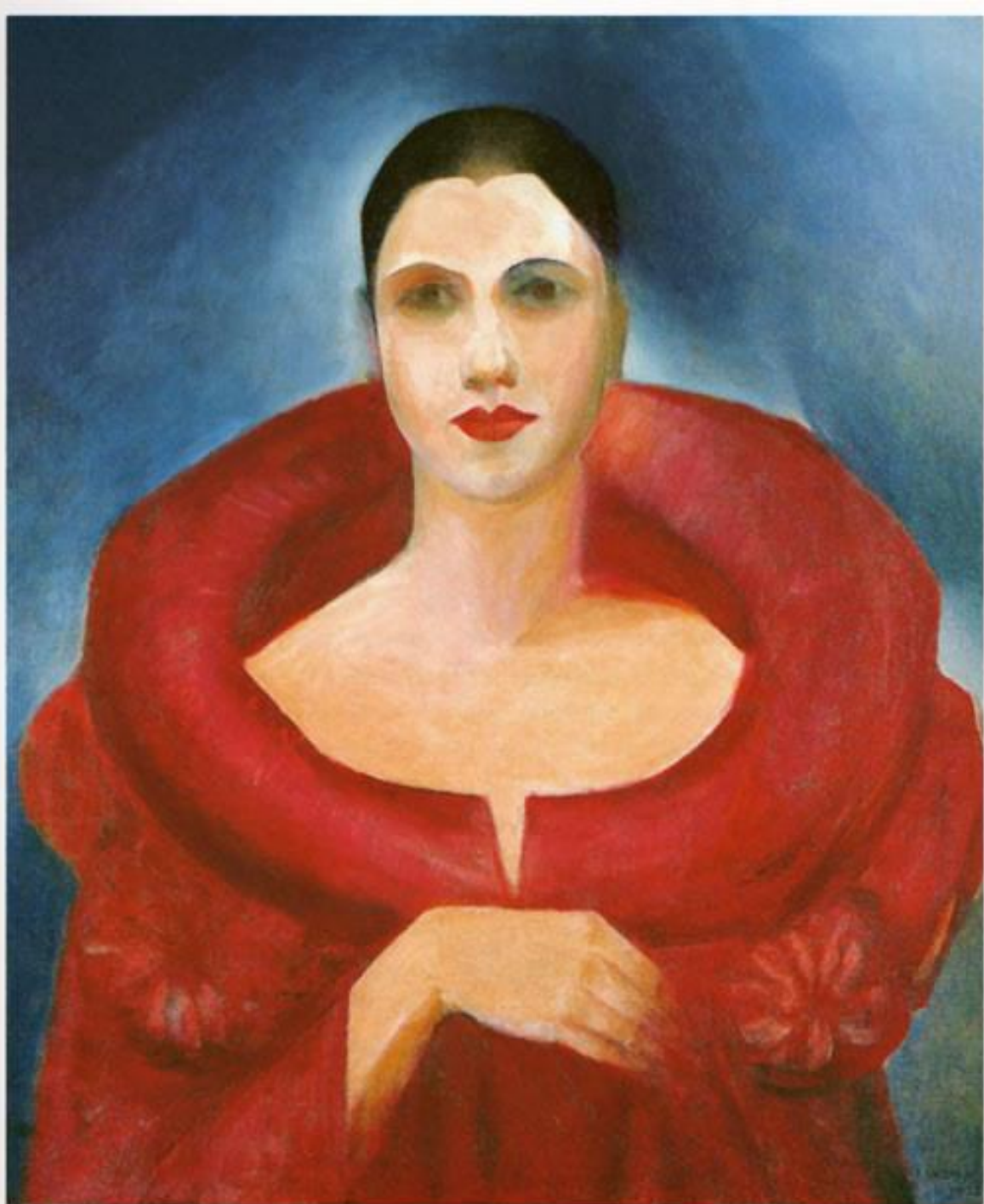
(Capivari, SP, 1886-1973)

Abaporu (1928)

85 cm x 73 cm

Malba, Buenos Aires,
Argentina





Tarsila do Amaral
Auto-retrato (1923)

O último “ismo” que veremos, o **DADAÍSMO**, nos conduzirá para o que conheceremos como **ARTE CONTEMPORÂNEA**. Isto porque, em 1917, **Marcel Duchamp** irá apresentar ao público uma obra extremamente polêmica.

Não existe uma data específica para o surgimento da Arte Contemporânea, assim como também não houve na Arte Moderna, mas alguns movimentos, artistas e suas obras dão um indicativo de como terminou um período para começar o outro.

Se, como vimos, na Arte Moderna, principalmente com o advento das vanguardas, cada “ismo” julgava-se mais moderno que o anterior e existia uma vontade de eliminar o passado ou o outro “ismo”, com a arte contemporânea isto irá cessar: uma corrente artística não anula a outra.

Mas, o que faz Marcel Duchamp ser tão importante?
Vamos lembrar que objeto ele apresentou em um salão (uma espécie de concurso) em 1917?!



Marcel DUCHAMP

Fonte (1917)

Quando Duchamp expõe como obra de arte um urinol, comercializado em qualquer loja de construção, acaba por colocar em xeque uma série de elementos que caracterizou a arte até então:

1.A unicidade de uma obra de arte:

Diferentemente de uma pintura ou escultura, que são obras únicas, há milhares de urinóis iguais a este da obra em questão.

Duchamp questiona a obra como objeto único e até mesmo como um produto de um artista (genial, portador de inspiração divina).

Duchamp vai chamar estes objetos que já existem – e que cabe a ele apenas ressignificá-los enquanto arte –

de **READY-MADE** (que significa “já feito”).

2. A autonomia da arte:

Quando se transforma um urinol em arte, objeto este tão banal e cotidiano, arte e vida passam a se misturar e se confundir.

3. Autoria:

Desde o Renascimento, a assinatura do artista é o elemento que caracteriza uma obra como sendo “de alguém”. Quando Duchamp assina “R. Mutt” em sua obra, que é o nome do fabricante do urinol, ele tenciona a autoria do objeto.

São estes três questionamentos, trazidos por Marcel Duchamp no início do século XX, que vão caracterizar a Arte Contemporânea de seu início até os dias atuais.

É esta obra de Duchamp (*Fonte*) que vai ser emblemática na vanguarda artística europeia com o nome de **DADAÍSMO**.

O movimento surge da decepção de muitos artistas diante a Primeira Guerra Mundial e o exílio forçado de muitos deles em Zurique.

Para eles, não fazia mais sentido produzir arte. O cenário era de decepção. Propuseram então uma **antiarte**, uma arte de negação à própria arte, fosse produzindo colagens desconexas, fosse transformando um objeto banal e que remete aos excrementos humanos um objeto de arte.

O nome Dadaísmo vem juntamente desta negação da própria arte. Se o nome Cubismo remete à formas geométricas e se Surrealismo ao mundo irreal, Dadá é uma palavra que não existe, é sem sentido, a não ser nos primeiros balbucios de um bebê aprendendo a falar.



Felix Gonzalez-Torres
(Guáimaro-Cuba, 1957-1996)
Retrato de Ross em Los Angeles (1991)

Um exemplo de trabalho de arte contemporânea que dialoga com a obra de Marcel Duchamp e utiliza o conceito de ready-made é a obra *Retrato de Ross em Los Angeles* (1991), de Gonzalez-Torres.

À primeira vista, trata-se apenas de um amontoado de balas no canto de uma galeria de arte ou de um museu. Em um segundo olhar, estando na exposição, o atrativo da obra é a possibilidade de cada espectador levar consigo uma das balas. Entretanto, por trás desta obra que não é pintura, não é escultura (é um amontoado de balas), há um DISCURSO que nos prova que uma obra pode ser entendida em diversas camadas.

Nesta obra, Gonzalez-Torres decide prestar uma homenagem ao seu companheiro, Ross, que fora diagnosticado com AIDS. Com o vírus já avançado, Ross recebeu o veredito de que não lhe restaria muito tempo de vida e que, em pouco tempo, perderia peso. Isto de fato aconteceu e Ross veio a falecer.

O monte de balas contém, de início, o peso de Ross. Conforme a exposição avança os dias e os espectadores retiram balas, o amontoado de doce que remete o corpo de Ross se desvai, é levada com cada pessoa que visita a exposição.

PROJETOS

“Caixa verde”

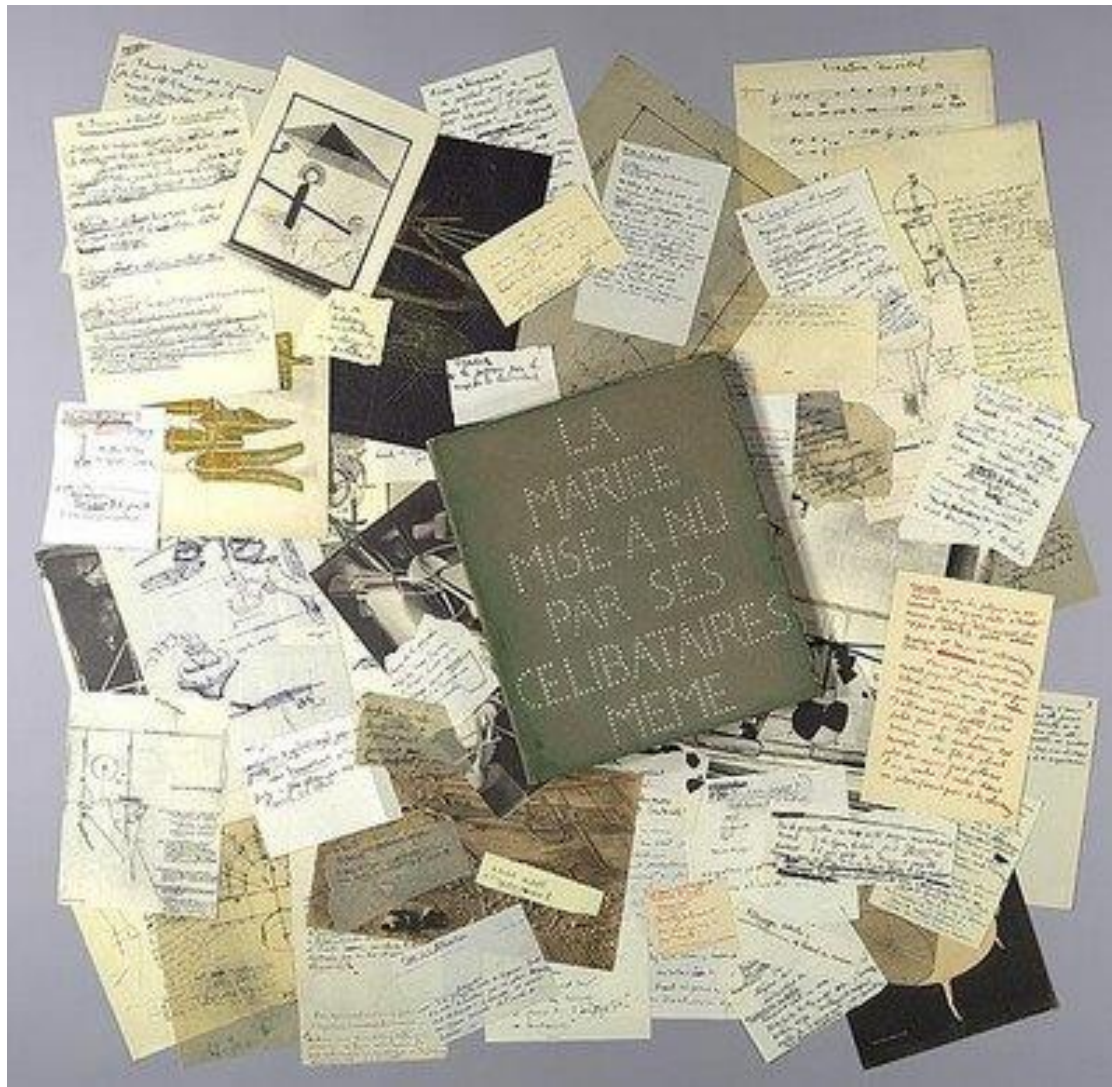
(Duchamp)

Além da criação de ready-made, Duchamp inspira a arte contemporânea até hoje devido, também, aos seus “projetos”.

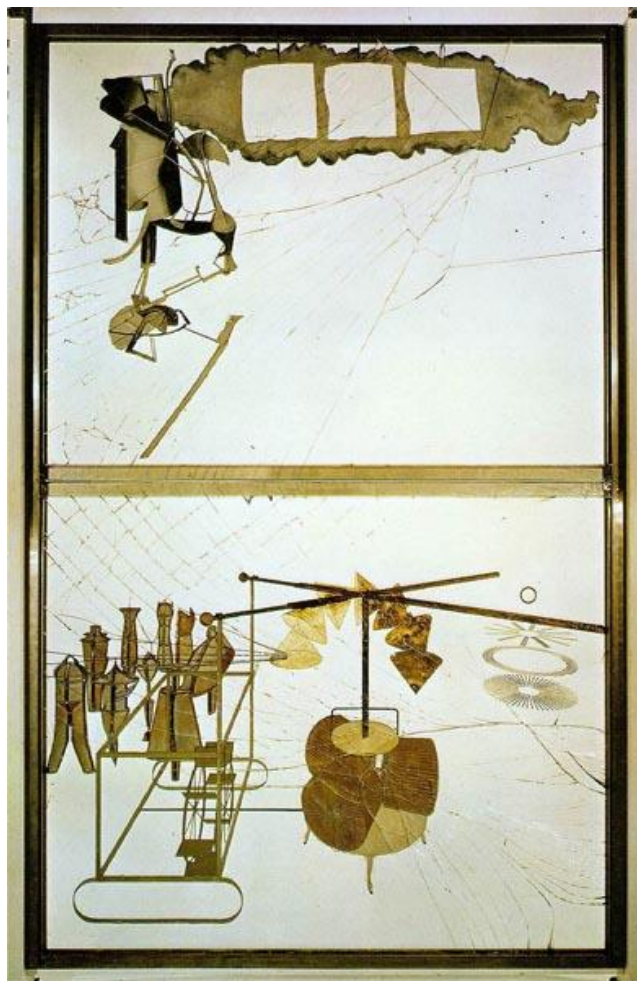
Sua obra *A noiva despida pelos seus celibatários, mesmo (ou O Grande Vidro)*, de 1923, fora executada pelo artista Richard Hamilton, e não por Duchamp.

Duchamp compilou em uma caixa (a caixa verde da imagem acima) as instruções para que uma segunda pessoa executasse sua obra. Tal como quem lê uma partitura e toca um instrumento, Hamilton materializou a obra de Duchamp, até então existente somente como um projeto.





Instruções contidas dentro da “Caixa Verde” para a execução da obra *A noiva despida pelos seus celibatários, mesmo* (ou *O Grande Vidro*), 1923, de Marcel Duchamp.



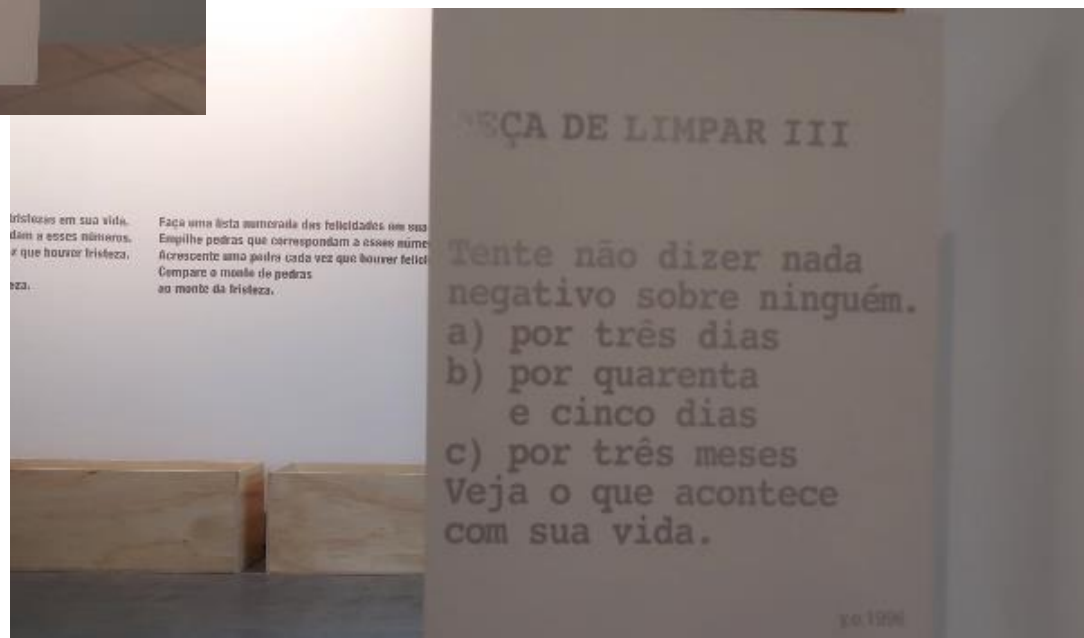
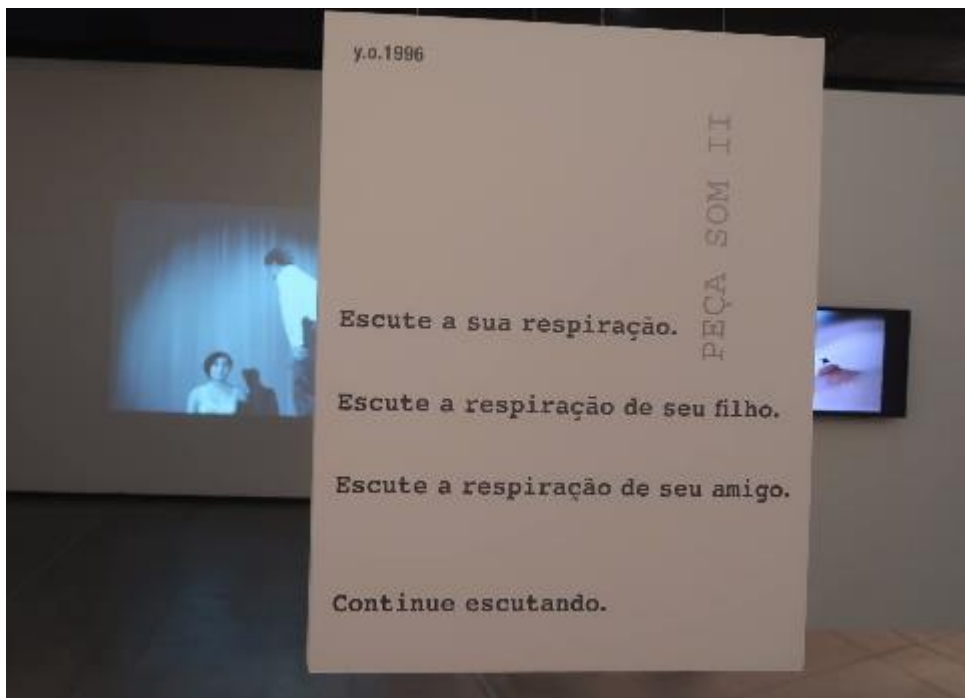
Marcel DUCHAMP

A noiva despida pelos seus
celibatários, mesmo (ou O Grande
Vidro), 1923

Verniz, Arame, Tinta a óleo, folha

As instruções de Marcel Duchamp inspiram artistas até a atualidade.

Um exemplo é a série de instruções da artista japonesa Yoko Ono. No slide a seguir, estão duas instruções presentes na exposição *O céu ainda é azul, você sabe* (2017), no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo-SP:



Yoko Ono
(Tóquio, 1933)